

## A literatura pensante de Calila das Mercês: corpos/corpus e escritas da terra

*The thinking literature of Calila das Mercês:  
land-based bodies/corpus and writings*

Erika Jane Ribeiro<sup>1</sup>

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)  
Ilhéus, Bahia, Brasil

José Pedro de Carvalho Neto<sup>2</sup>

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)  
Ilhéus, Bahia, Brasil

**Resumo:** Neste texto refletimos criticamente sobre as produções literárias contemporâneas e, em particular, analisamos a literatura pensante de Calila das Mercês, em *Planta oração*. Além disso, tensionamos as noções de corpo, escrita e territorialidade a partir dos pensamentos de Conceição Evaristo, Evando Nascimento e Jacques Derrida. Com ênfase nas escritas de mulheres negras e subalternizadas, defendemos que literaturas como a de Calila — operando nas fronteiras entre literatura, filosofia, (auto)biografia e espiritualidade — promovem fissuras tanto nas normas canônicas ocidentais quanto na rigidez dos gêneros textuais e sexuais, fazendo-os jorrar como excesso literário ou *escrivências pensantes* e que (se) dão a pensar.

**Palavras-chave:** escrita; *escrivências*; gêneros; hibridismo literário; territorialidades.

**Abstract:** In this text, we critically reflect on contemporary literary productions and, in particular, examine the *thinking literature* of Calila das Mercês in *Planta oração*. We also problematize the notions of body, writing, and territoriality through the theoretical lenses of Conceição Evaristo, Evando Nascimento, and Jacques Derrida. With an emphasis on the writings of Black and subalternized women, we argue that literary works such as Calila's—operating at the intersections of literature, philosophy, (auto)biography, and spirituality—generate fissures both in Western canonical norms and in the rigidity of textual and sexual genres, causing them to overflow as literary excess or as *escrivências pensantes* [thinking writing-livings] that think themselves and make one think.

**Keywords:** writing; writing-livings; genres/genders; literary hybridity; territorialities.

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (PPGL/UESC), poeta, escritora, Ilhéus, Bahia, Brasil. Endereço eletrônico: [cjrribeiro@uesc.br](mailto:cjrribeiro@uesc.br)

<sup>2</sup> Doutor e mestre em Letras: Linguagens e Representações (UESC/ 2021), graduado em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda (Polifucs/ 2003), certificado em Redação e Edição (Melbourne Polytechnic/ 2010). É pesquisador dos grupos de pesquisa Linguagens e Desconstrução (Lides/UESC) e Direito e Literatura: um olhar para as questões humanas e sociais a partir da Literatura - LEGENTES (PUC Minas/CNPq). Tem experiência como professor do Ensino Médio e Superior. Tradutor e revisor de textos em geral. Como revisor/tradutor, prestou serviços para diversas editoras universitárias, como a PUCPress/Champagnat (PR), Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES), Editus (da UESC) e Edufba. Nas Letras, desenvolve pesquisa sobre a escrita do filósofo Jacques Derrida, com interesse nas temáticas: tradução/desconstrução, escrita no feminino, hospitalidade e indecidibilidade dos gêneros (do corpo e do corpus). Na Comunicação, a partir da filosofia de Jacques Derrida, estuda a desconstrução da relação homem-máquina, mediações e inteligência artificial. Endereço eletrônico: [pedrocarvalhotexto@gmail.com](mailto:pedrocarvalhotexto@gmail.com)

## 1 PLANTANDO SEMENTES

Com notado gosto pelo movimento das fronteiras, bem como pelo desassossego dos entrecruzamentos e suas implicações, as produções literárias contemporâneas têm buscado abrir caminhos para brotações criativas que não se limitam às definições amarradas e infecundas acerca dos gêneros textuais, nem à separação entre forma e conteúdo ou corpo e *corpus*. Essas produções literárias, marcadas pelo hibridismo e engajamento político, sobretudo as concebidas por mulheres, promovem fissuras no discurso hegemônico, contribuindo para que vozes e corpos (de carne e de texto) subalternizados intervenham, pela palavra e saberes insurgentes, nos espaços públicos e de enunciação — sendo eles concebidos como espaços políticos de confronto (Guimarães, 2002).

Esse hibridismo artístico-literário contemporâneo é também estimulado pela variedade de suportes de concepção, publicação e difusão, que contribuem não só para a ampliação das produções e acessos, mas também para a *amalgamia* de gêneros *sexuais*<sup>3</sup> e discursivos que robustecem o potencial político de epistemologias dissidentes. Por outro lado, a adoção e perpetuação de concepções artísticas e literárias canônicas, que reivindicam o purismo e universalismo de criações, consideradas como representativas de um tempo e espaço, negam não só a pluralidade de existências, saberes e linguagens, mas sobretudo anulam vozes, corpos/*corpus* e territórios subalternizados.

Em *A lei do gênero* — lendo *La folie du jour*, de Maurice Blanchot (*sexto* que consideramos uma *escrita no feminino*)<sup>4</sup> —, Jacques Derrida (2019b) problematiza a (im)possibilidade de pureza dos gêneros, recorrendo ao jogo da e com a linguagem para pôr em xeque ou evidência a qual gênero pertence o texto de Blanchot. Dessa forma, o filósofo franco-argelino — ele mesmo um híbrido, nascido na Argélia (África), mas de nacionalidade francesa (Europa) — desestabiliza a prerrogativa clássica da tradição ocidental de que os gêneros não devem se misturar (nem os sexuais, nem os textuais). Isso acontece porque o texto de Blanchot tem um eu (que diz eu) cindido e que se dá a ler como homem ou mulher, como relato ou narrativa, desde já misturados. Ou seja, na crítica derridiana, cada membro desses dois binômios, masculino, feminino, relato e narrativa participam (e/mas não) pertencem aos gêneros aos quais estariam (supostamente) vinculados.

NÃO MISTURAR os gêneros.

Não misturarei os gêneros.

Repito: não misturar os gêneros. Não o farei.

Suponham agora que eu deixe esses enunciados ressoarem sozinhos.

<sup>3</sup> Em *O riso da Medusa*, Hélène Cixous (2022) mistura sexo e texto, dois gêneros de gêneros, o do corpo e o do *corpus*, amalgamando-os no híbrido *sexto*. Seu *sexto*, contudo, faz referência a uma *escrita no feminino*, isto é, nem feminina, nem feminista, nem de mulher, mas sim a uma escrita que desterritorializa o sexo e demove a suposta inextricabilidade entre fala e falo (Carvalho Neto, 2025). Uma escrita *sexual, como a de Calila, vinda de um corpo-território dissidente* dá passagem “[...] a outras formas de leitura, à descoberta de novos *corpus* [literários] que eram até aqui desconsiderados, quer dizer, violentamente dissimulados ou marginalizados” (Derrida, 2019a, p. 2).

<sup>4</sup> Ver nota anterior.

Suponham: abandono-os à própria sorte, libero suas virtualidades aleatórias e os entrego à sua escuta, àquilo que lhes resta, e que vocês lhe dão movimento para criar efeitos de toda espécie, sem que eu me mantenha atrás deles para responder a isso.

Eu apenas disse, depois repeti: não misturar os gêneros, não os misturarei (Derrida, 2019b, p. 251).

A repetição construída por Derrida (2019b) carrega um jogo irônico que aponta, ao mesmo tempo, para a possibilidade de pureza dos gêneros e a inevitabilidade de mistura, tendo em vista que é pela contaminação entre cada gênero de gênero que os corpos/*corpus* se disseminam, assim transbordando (su)as escritas. Além disso, o sintagma NÃO MISTURAR (os gêneros), grafado em maiúsculas na cabeça do texto, ensaia uma ordem normativa que é contrariada em sua própria construção, confirmando a impossibilidade dessa negativa. “Não misturarei os gêneros”, repete Derrida, para em seguida declarar que “[...] um texto [ou corpo] não *pertenceria* a gênero algum. [Pois] Todo texto [ou corpo] *faz parte* de um ou mais gêneros, não há texto [ou corpo] sem gênero, sempre há o gênero e os gêneros, mas esta participação nunca é um pertencimento” (Derrida, 2019b, p. 262, grifos das tradutoras, acréscimos nossos). Ele se apropria da norma, é atravessado por ela, para assim tensioná-la, destacando sua fragilidade.

A lei do gênero, se há, trata-se de uma antilei ou lei de contaminação (Derrida, 2019b). No caso em tela, Jacques Derrida (re)encena o texto de Maurice Blanchot, supostamente literário, já indecível em sua própria lei (relato?, narrativa?), para filosofar sobre os gêneros. Não podemos, contudo, perder de vista que Derrida é um filósofo, e lança mão de um texto literário (?) para filosofar (?) sobre os gêneros. Literatura? Filosofia? Qual o limite entre as duas (disciplinas), os dois (gêneros)?

Numa entrevista cedida a Derek Attridge, intitulada *Essa Estranha instituição chamada Literatura*, ao responder sobre a interrelação entre Filosofia e Literatura, Derrida (2014, p. 49) diz que a “[...] lei da literatura tende, em princípio, a desafiar ou a suspender a lei. Desse modo, ela permite pensar a essência da lei na experiência do ‘tudo por dizer’. É uma instituição que tende a extrapolar [*déborderer*] a instituição”. Mas pode a literatura tudo dizer? E se o que ela diz extrapola os próprios limites do literário? E ela diz ou se dá a ler no dito? Em *La folie du jour*, por exemplo, Blanchot não enceta uma discussão sobre os gêneros. Há, mas há como tal (somente) na leitura de Derrida. É ele, o filósofo fronteiriço, quem releva os traços de uma filosofia dos gêneros na literatura de Blanchot. Mas se há, não é porque já estava lá desde sempre, amalgamada?

Ainda sobre essa interrelação entre Literatura e Filosofia, Derrida (2014) escapa de determinar a primazia da primeira pela segunda, e ainda afirma que talvez seja movido muito mais por um desejo autobiográfico, inscrito (e no qual também se inscreve) nos textos que lê, como confissões, seja em Rousseau, Nietzsche, Joyce ou Blanchot<sup>5</sup>. Essa relação diz, portanto, da indecibilidade ou mistura entre corpo e *corpus*,

<sup>5</sup> Pode parecer estranho a você, nos lendo em um texto sobre epistemologias dissidentes, essa sequência de nomes (masculinos) e assinaturas (masculinas?) que participam (mas pertencem até que ponto?) de uma tradição falocêntrica. Nossa escolha é arriscada, mas concordamos com Derrida (2014, p. 89) que, paradoxalmente, textos assinados por determinados membros da tradição falocêntrica, apesar de sua aparência ou filiação a esse contexto, podem ser potencialmente disruptivos os desconstrutores: “E seus

entre experiência vivencial e produção textual dessas vivências. E cada corpo, ou *corpus*, participa e/ou pertence a um lócus ou território e suas (sobre)determinações.

Os gêneros, portanto, se atravessam, e ganham lugar. A partir dessa perspectiva, entendemos que, também na literatura contemporânea brasileira, a própria escrita literária tensiona a lei dos gêneros e vai promovendo transbordamentos, arrebentações, capazes de mobilizar vozes e corpos, e também territórios, não legitimados. É o que veremos a seguir.

## 2 ESCRIVIVÊNCIAS PENSANTES

Ao inscrevermos *Planta oração* — da escritora, poeta, pesquisadora e jornalista baiana Calila das Mercês (2022) — num contexto marcado por misturas e reflexões político-literárias, experimentamos, em cada conto plantado e colhido ao longo da obra, a inevitabilidade da contaminação dos gêneros *sexuais*. Calila das Mercês lança as sementes-pensamento à terra, sem delimitar espaços e tempos de brotação, sem mecanizar as colheitas. Em suas orações, planta as corporeidades que se atravessam, fazendo com que chão, cágados, limoeiros, jambeiros, umbuzeiros e outras plantas se misturem à menina, ao menino, e suas incorporações em outras meninas-mulheres.

Desse modo, rompendo ainda com os reducionismos utilizados pelos estudos literários, assim como pela crítica e o mercado editorial, para categorizar as escritas em gêneros literários e textuais, Calila das Mercês (2022) apresenta uma performance de escrita que encruza poéticas, narrativas, fabulações, oralidade e espiritualidade ancestral; e portanto desestabiliza o pensamento ocidental hegemônico, promovendo a interconexão com territórios epistemológicos afro-indígenas, onde ecoam as vozes e corpos de mulheres em insurgência. Toda essa singularidade literária destaca, na obra, a potência do pensamento brotado na terra, mas também encarnado, através do qual é possível agir e transformar contextos por meio da palavra-ação plantada — e colhida — no próprio corpo-chão.

Com essa aglutinação de pensamento, poesia, narrativa de si e política, em *Planta oração* pulsa uma escrita que desarranja o cânone, recolhendo vivências e saberes ancestrais cultivados nos chãos dos terreiros e quintais das mães e avós pretas, fincados nos territórios subalternizados. Além do mais, essa escrita faz brotar o pensamento a partir da confluência com bichos e plantas, da movência das águas, da potência das ervas e das vozes apagadas pela hegemonia ocidental. Buscando experimentar, de modo mais detido, a construção de uma literatura pensante — fronteira das relações entre humanos e não humanos e que se completa no encontro com o leitor (Nascimento, 2012) — na obra de Calila das Mercês, serão aqui mobilizados os contos “limoeiro” e “jambeiro”, também em confluência com a escrevivência de Conceição Evaristo (2020, p. 30), que,

---

autores podem ser, em termos estatutários, homens ou mulheres. Há, às vezes, mais recursos desconstrutores [...] em alguns textos escritos por Joyce ou Ponge, que muitas vezes parecem falocêntricos ou falogocêntricos, do que em alguns textos que, tematicamente, são de uma forma teatral ‘feministas’ ou ‘antifalogocêntricos’, sejam assinados com nomes de homens ou de mulheres”.

[...] em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais.

Rasurando as leis do silêncio e da exploração dos corpos e subjetividades negras, as escritas escrevíveis ou escrevivências carregam a potência coletiva não só das vozes e experiências daquelas mulheres que escrevem, mas também de toda uma linhagem ancestral anulada, desumanizada. Pelo exercício da escrevivência, essas mulheres tomam para si o poder da palavra escrita, que amplifica a potência ancestral da oralidade. Não se trata da produção de narrativas de si ou sobre si, de modo individualizado, mas sim da amplificação das vozes, dores e saberes de toda uma coletividade silenciada. Nesse sentido, Calila das Mercês, em *Planta oração*, tal qual Conceição Evaristo em seu exercício de escrevivência, toma a experiência coletiva de mulheres negras como terreno fértil de enunciação epistemológica; afinal, cada construção literária é uma estratégia política de pensar por meio do corpo, do contato com a terra, da relação com os bichos e plantas, da vivência e aprendizado com as mulheres e ancestrais. É uma escrita que finca e espalha raízes na memória coletiva negra e, com ela, robustece novos galhos de reflexão e apropriação dos saberes, da linguagem, da voz.

Assim como se misturam os gêneros e as vozes, o real e o ficcional em *Planta oração*, também ali se interconectam animais, plantas e pessoas, reacendendo os rastros daquilo que Evando Nascimento (2012) nomeou como literatura pensante. Ao discutir sobre o encruzamento entre ética e ficção, a partir da obra de Clarice Lispector, Nascimento (2012) tece frutíferas reflexões acerca dessa literatura que conecta mundos pela amplitude da imaginação, embaralhando as fronteiras entre realidade e fabulação, literário e filosófico, instigando a leitora, o leitor, a também inventar seus mundos. Para o autor, não se trata de conceito fechado em si mesmo, conformado com definições metafísicas conformadas com os reducionismos, mas de ideia em abertura e hospitalidade permanente; por isso, ele recomenda à leitora, ao leitor, que não tome a literatura pensante como um sentido acabado, adstrito exclusivamente ao pensar filosófico:

Advertiria para que não se entenda uma literatura pensante como sinônimo de “filosófica”. Literatura, filosofia e artes plásticas constituem aqui discursos provisórios para dar vez a nova fala e escrita, sob a insígnia da Outra. Abre-se um espaço de tensão entre saber e não saber, por meio de um pensar-sentir ou de um sentir-pensar diferencial e afetivo. Articula-se, desse modo, o aspecto ético e político desse pensamento ficcional (Nascimento, 2012, local 94-97).

Escapando dos conceitos acabados e teses do pensamento filosófico ocidental (Nascimento, 2015), a literatura pensante mobiliza outros pensamentos, saberes e escritas, não só promovendo um trânsito entre gêneros e práticas discursivas e/ou artísticas, mas também franqueando ao leitor, à leitora, a construção de suas próprias

interpretações e invenções de mundo, que não se amarram a sentidos preestabelecidos. Assim, numa perspectiva de literatura pensante, é possível pensar com o corpo, as memórias, os silêncios e signos ancestrais, os afetos, tendo em vista que a divisão hierarquizada entre razão e emoção não se sustenta. Desse modo, tanto a literatura pensante como a escrevivência rasuram dicotomias e binarismos que insistem não só em separar, mas também opor gêneros, linguagens, discursos e produções que mobilizam pensamento científico e pensamento experimentado, sentido, encarnado.

Concebendo a escrevivência também como um modo de pensar o mundo a partir da memória da coletividade escrita e inscrita na carne, nos rastros da oralidade, na força das experiências espirituais ancestrais que aproximam e conectam pessoas, animais, ervas e manifestações da natureza, entendemos que essa se trata de manifestação po-ética e política. Portanto, ao misturar os gêneros, Calila das Mercês contraria a lei do próprio gênero e do mercado editorial. E a sua escrita, assim como a de outras mulheres negras, a exemplo da própria Conceição Evaristo, carrega elementos de uma literatura pensante.

Em *Planta oração*, o corpo marcado pelas memórias e diferenças pode ser tanto terra fecunda onde abrolham pensamentos, artesanias e revoluções políticas, guarida do sagrado e saberes ancestrais, como também lugar de experiências afetivas insurgentes. É com esse corpo-semente de epistemologias insurgentes que fala, escreve, pensa, sente, provocando outros corpos/*corpus*, inclusive os nossos, que dialogaremos, a partir dos contos “limoeiro” e “jambeiro”, em cruzamento com outros pensamentos e reflexões que possam ampliar essa colheita-ação.

### 3 CORPOS/ *CORPUS* DE TERRA

Como gesto de reverência às memórias do chão e dos corpos escritos, que brotam na obra *Planta oração*, de Calila das Mercês (2022), e mais ainda tomando como semente crioula os contos “limoeiro” e “jambeiro”, compreendemos, a cada palmo, que as escritas literárias que germinam da terra são também escritas encarnadas, visto que esses corpos que escrevem carregam marcas dos tons e rasgos de chão, bem como produzem e resguardam saberes e memórias não abarcadas pelo pensamento falocêntrico. Nas labutas pela e com a terra, sobretudo dos povos tradicionais, as sementes crioulas são formas resistentes de reprodução da vida vegetal, livres de agrotóxicos ou modificações genéticas, seja por grãos, galhos, flores, caules, raiz, resguardadas pelos saberes ancestrais e que contribuem também para a vida de outros seres (A valorização..., 2021). Assim, conceber essa escrita marcada pelo calor e fertilidade da terra como semente crioula é reconhecer e reverenciar a força ancestral que atravessa não só as produções literárias e epistêmicas não hegemônicas, mas também as vivências e confluências cotidianas dos sujeitos subalternizados.

Retomando a corporeidade poética com gosto e cheiro de terra “marronzinha”, “escurinha”, que escreve/inscreve as experiências vividas pelas narradoras e personagens de *Planta oração*, recorreremos a Maria Leda Martins (2021, p. 162), escritora e pesquisadora de temas relacionados à performance e literatura, para com ela refletir acerca da potência criadora das experiências vividas pelos corpos negros, também como

corpos políticos e epistêmicos, que propõem outras rotas de pensamento, produzindo e resguardando saberes e literaturas contra-hegemônicas:

Nessas poéticas, a corporeidade negra como subsídio teórico, conceitual e performático, como episteme, fecunda as cenas expandindo os escopos do corpo como lugar e ambiente de produção e inscrição de conhecimento, de memória, de afetos e de ações. Um corpo pensamento. [...] Um corpo político, autofalante, arauto do ainda não dito ou repetido, porque antes interdito, censurado, excluído [...].

A anulação e/ou subvalorização das poéticas e epistemes produzidas por corpos negros, mulheres e sujeitos não abarcados pelos padrões eurocentrados e cis-heteropatriarcais também deslegitima os saberes tradicionais e as poéticas produzidas a partir dos rasgos da terra, nos chãos em permanente disputa, estimulando processos crescentes de epistemicídio. Calila das Mercês (2022) traça movimento diverso a essa anulação institucionalizada, sobretudo quando lança mão de uma linguagem própria, dos “seus”, que põe em destaque palavras, expressões e sintaxes que remetem à ancestralidade, à terra, ao movimento *bulcioso* dos interiores — que entendemos como territórios de r/existência. Também nessa perspectiva, a filósofa e escritora brasileira Sueli Carneiro (2005), ao discutir o epistemicídio negro, revela as estratégias de manutenção dos poderes, forjadas pela cultura dominante, que se centra nas ideias de hegemonia e universalidade alavancadas pelo pensamento ocidental. A autora destaca ainda que, para o próprio povo negro,

[...] o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc. (Carneiro, 2005, p. 97).

Como estratégia de enfrentamento aos ordenados projetos de desqualificação do pensamento, bem como das produções artísticas e literárias dos sujeitos subjugados, é fundamental que se fortaleçam os movimentos epistemológicos e culturais produzidos a partir das memórias ancestrais e, sobretudo, das singularidades e potências do próprio território e dos sujeitos que nele vivem e atuam, fazendo circular vozes e pensamentos dissidentes, atravessados pelas diferenças e abertos às ampliações. É, pois, nesse e desse movimento resistente de afirmação e valorização dos saberes dos povos afro-indígenas, bem como do fortalecimento da produção de conhecimento e cultura, manifestada em diversas áreas que se interconectam, que a criação literária de Calila das Mercês (2022) se potencializa e subverte práticas epistemicidas.

Por meio de uma narrativa híbrida, marcadamente afetiva e política, a autora não só recupera os modos de vida, os arranjos familiares e as relações interpessoais,

sobretudo guiadas por mulheres, mas também remarca as singulares vivências linguísticas de um coletivo, seja a partir das interações estabelecidas com o próprio território, os animais e as plantas que partilham do mesmo chão, seja a partir das memórias que transportam a resistência ancestral. Calila das Mercês (2022) vive, pensa e escreve nessa língua com gosto e nervuras de terra; língua do outro ancestral, recuperada pelos movimentos e ampliações da sua própria língua em movências e acolhidas de outras, mas que também acolhe as insubordinações de si.

“*Que menina xixilada é essa? Perdeu a xuxa de novo, agora vou ter que pentear esse gregueté novamente?*”: neste trecho de *Planta oração*, além das marcas violentas do racismo incrustadas no cotidiano das famílias negras e a pressão estética, social e psicológica por um enquadramento, Calila das Mercês (2022, p. 15, grifos nossos) partilha com a leitora, o leitor, o repertório linguístico daquela comunidade representada nos textos e promove, assim, uma significativa ruptura com a ideia, igualmente violenta, de padronização da língua, imposta como única aceita. É o leitor, a leitora, quem agora precisam se mover em abertura para essa língua dada nos textos; língua de/da terra com semântica própria. *Xixalada*, *xuxa* e *gregueté* são vocábulos comumente utilizados nos interiores baianos, para designar, respectivamente, desavergonhada, elástico de prender cabelos e cabelos crespos, indisciplinados, avolumados. Assim, apesar do corpo negro da menina subverter toda uma padronização eurocentrada que dita comportamentos, estéticas e linguagens moldadas a partir de bases binárias hierarquicamente oposicionais, ele ainda é rebaixado e atado a normas hegemônicas discriminatórias.

As costuras de linguagem promovidas por Calila das Mercês (2022), assim como os jogos semânticos e memorialísticos, apontam que é pela confluência de pensamentos e saberes situados que se pode rasurar a supremacia das teorias e debates de base colonial ocidental, de modo que a voz genérica do homem branco seja confrontada pelas múltiplas vozes da terra germinando outras possibilidades de pensar, criar, produzir literaturas e demais artes, nos territórios historicamente subjugados. Na perspectiva da filósofa e zoóloga Donna Haraway (2009), todo conhecimento é situado, visto que é produzido a partir de um corpo, um lugar, uma realidade social atravessada por memórias, conflitos e afetos. Assim, o ato de conhecer parte sempre de um lugar de plantios, entrecruzado por diversos marcadores sociais e de interrelações estabelecidas por corpos políticos que reforçam seus valores epistêmicos.

Em *Planta oração* (Mercês, 2022), a plantação literária é situada a partir das experiências, memórias, dores e afetos de uma corporeidade coletiva negra, afetada por desigualdades raciais, sociais e territoriais. Ao mesmo tempo, a obra recupera e amplifica as vozes e saberes ancestrais na potência da palavra em brotação constante. Assim, sendo uma criação literária localizada, que rasura a perspectiva totalizante e universal de literatura, bem como a separação dos gêneros, compreendermos *Planta oração* como literatura pensante (Nascimento, 2015). Isso porque ela se compromete com o mundo real e, sobretudo, com a reescrita da história dominante não só a partir do olhar e recuperação de memórias anuladas, mas também pela reapropriação de palavras e sentidos carregados de terra, suor, labuta e sonhos de transformação, que convocam o leitor, a leitora, à participação.

Por meio dessa escrita encorpada ou incorporada da/na terra, a palavra germina outros mundos possíveis e cultiva memórias, força e saberes não abarcados pelos conceitos que se insurgem contra o epistemicídio. Além do mais, a disposição tipográfica transgressora do texto de das Mercês (2022) contorna os corpos/*corpus* ali escritos e inscritos — também como marca literária e política que evoca suas singularidades e propósitos — a partir do embaralhamento das regras estruturais que definem centros e margens, tanto do texto quanto do contexto social. Seja pela fragmentação das memórias, dispostas nas 15 pequenas narrativas poéticas e no sumário-arvoredo que compõem esse projeto estético insubordinado, seja na adoção de nomes de árvores ou plantas para nomear cada conto e sua potencial impureza, a autora promove um arranjo político da obra, em que a linguagem e estilística adotadas apresentam-se, também, como saber situado e ético.

Essa linguagem pensante com cheiro e cor de terra, que não se apega a definições, traz as vozes do corpo e das infâncias, de modo bastante potente em “limoeiro”. A menina narradora, em seus diálogos com o cágado, constrói sentidos para sua existência enquanto planta sonhos para o porvir, misturando experiências humanas e entre outros seres, de modo que se incita, no leitor, na leitora, a amplificação do seu pensamento e a mobilização de suas memórias e vivências. Nascimento (2016, p. 15) reforça que “[...] uma literatura pensante se define e se indefine nas paragens das fronteiras entre os humanos e seus outros [...]”, de modo que esse alargamento da humanidade, abarca inclusive o não humano; no entanto, ela reivindica, sobretudo, a participação ativa da leitora, do leitor, esse outro pensante em potencial. Pensemos, pois, com Calila das Mercês (2022, p. 18-19):

Me reza, vó. Minha cabeça tá doendo.

Vamos, antes que o sol baixe e sua mãe volte. Ela disse que hoje ia na casa de Dona Lurdinha levar a revista, já deve estar voltando. Me falou que ia apertar minha saia ainda hoje pra eu ir no batizado da neta mais minha nova de Dona Lulu.

1-2-3-4-5-6-7-8-9

Estava branca. Branca de pó de giz.

Foram nove marretadas na cabeça com o apagador de quadro negro que era verde.

Mocinha forte não chora. Deixa eu ver você. Venha para eu te limpar, meu amor, mas você já está toda molhada. Fique aí sentadinha que a pró vai ali e já volta. Não chore, já passou.

A pró colocou Jojó de castigo, e disse que eu era uma mocinha porque não chorava, mas o xixi desceu no número cinco, Cágado. Não consegui segurar. Jojó tem uma franjinha que parece da Sandy. Mainha disse que não posso ter franja, só trancinhas balançantes, ó! Jojó disse que não pode brincar comigo porque meu cabelo de molinha é feio e eu tinha pele de terra pisada. Eu disse a ela que mainha passa alfazema em mim, lava meu cabelo com sabão de coco, que coloca minhas roupas pra quarar, que painho engraxa meus sapatos, que ando bem limpinha, que só fico suja quando brinco de fazer bolo de terra e faço xi... Acho a terra tão bonita, marronzinha, essa que mainha plantou o morango é mais escurinha, igual a vó Corina, e você não pode ver, Cágado, porque senão você vai comer o moranguinho verde que é meu (Mercês, 2022, p. 18-19).

Apesar das reiteradas agressões e das dores físicas sofridas, a exemplo das “*nove marretadas na cabeça com o apagador de quadro negro que era verde*”, além das violências simbólicas e sociais, como quando “*Jojó disse que não pode brincar comigo porque meu cabelo de molinha é feio e eu tinha pele de terra pisada*”, os fios que entrelaçam memória, afetividade e denúncia — em “juazeiro” e ao longo de toda a obra — não sucumbem à dor. Pelo contrário, de outro modo, eles reacendem a chama da escrevivência, em que se aviva o espírito da coletividade a partir das experiências inventadas (e/ou não) de si mesma, com o propósito de incomodar os sonos injustos dos casa-grande (Evaristo, 2007).

Ainda, com fabulação e poesia, a menina responde ao racismo dos colegas e à negligência institucionalizada a que é constantemente submetida; o exercício pleno da imaginação é seu modo de se inscrever no mundo e nele intervir. Não se trata de escapismo ou romantização das violências, mas de resignificação da realidade a partir dos afetos, da confluência com os demais seres da natureza, com a espiritualidade latente nos gestos, palavras e confluências com os viventes do seu meio. Desse modo, a literatura pensante de Calila das Mercês (2022), produzida a partir do exercício da escrevivência, também tensiona as estereotípias em torno da escrita de mulheres negras, constantemente reduzidas à dor, limitadas a uma ideia hegemônica de combate e resistência que confirma e perpetua binarismos, hierarquizações, além de reforçar os lugares de subalternia. Como estratégia de subversão a esses reducionismos, Tatiana Nascimento (2019, p. 15) nos apresenta a ideia de cuirlombismo literário como possibilidade de “[...] questionar esse jeito de fazer, ler, compreender literatura negra no qual dor, sofrimento, heroísmo, revolta, heterociscentralidade seriam temas dominantes [...]”. Além do mais, para ela,

[...] mesmo que denunciar o racismo heterocissexista seja uma necessidade constante de afirmação de existências negras lgbtqi, temos mais que denúncias a fazer, especialmente pela nossa poesia que se conecta a um projeto epistêmico negro-sexual- dissidente atravessado por disputas narrativas. O racismo tem tentado secularmente, nos calar ao proferir discursos “autorizados” sobre nós. Quer nos roubar o direito à existência plena, complexa, diversa. Mas somos seres complexos. Não somos máquinas de resistência e denúncia. Resistir ao estereótipo da resistência também é resistir, e mais: existir na plenitude que, desde o continente, aprendemos a construir como base fundamental de vida e bem-viver (Nascimento, 2019, p. 18-19).

Assim como as vivências da menina narradora de “juazeiro” extrapolam a narrativa domada da dor e apresentam a heterogeneidade das confluências produzidas pelos corpos negros, em “jambeiro”, Calila das Mercês (2022) se vale tanto da linguagem, do jogo de sentidos para tensionar e exorbitar a lei do gênero — também pela repetição desestabilizadora, assim como fez Derrida (2019b) na abertura de *A lei do gênero*, —, quanto da ambiguidade e das metáforas e silêncios para abordar temas sérios e traumatizantes, como o abuso sexual contra menores. A adoção de uma linguagem poética, carregada de simbolismos e sugestionamentos não pretende suavizar o terror e a marca criminoso do abuso, mas sim enredar o leitor, a leitora, de modo que seu corpo também esteja aberto à escuta do grito desse corpo violado. Pela sedução das palavras e jogos estilísticos diversos, a autora nos conduz até as sombras perturbadoras de práticas

sexuais abusivas e reiteradas, sem que consigamos escapar das entrelinhas, dos vácuos entre palavras, do abafamento dos não ditos.

Por meio de um diálogo que à primeira vista pode parecer desprezível, pueril, a autora recorre ao jambo como essa fruta desejada que metaforiza o corpo cobiçado, corpo “moreno jambo”, definição comumente usada para a hipersexualização dos corpos negros:

Se eu pegar você me chupa? Só se o jambo for grande e doce, porque os de ontem estavam sem gosto.

Eu era um menino. Eu não queria ser menino. Eu não queria ser menino. Daquele jeito não. Mas eu era um menino. Queria parar de ser um menino, às vezes. Até tentei, mas, eu já era um menino, muito menino mesmo. Não igual a eles.

As meninas ficavam me olhando e eu tinha medo das mães delas brigarem comigo, porque eu era um menino. Desviava logo o olhar quando elas me cumprimentavam, me observavam. Não sei se as meninas reparavam que eu era um menino, ou se me olhavam como uma esquisitice ambulante de pernas de pinça e corpo de bambu com aqueles cabelos de fogo meio alisados amarrados com pontas cotós. Às vezes eu metia um gel pra ficar bem esticado mesmo. Quando não conseguia ele virava um sol. O povo dizia que era uma mata.

Quatro quartas quatro quintas daquele verão.

Se eu pegar você me chupa?

Eu queria dizer que só se o jambo fosse doce, mas eu balançava a cabeça meio que concordando (Mercês, 2022, p. 25-26).

No fragmento acima, ainda há rastros de uma violência psicológica alimentada pela não aceitação silenciosa da identidade imposta ou, pelo menos, do modelo de gênero determinado pelo sistema cis-heteropatriarcal. Assim, almejando o movimento dos trânsitos, a pessoa que narra repete, como se para convencer a si mesma, “*Eu era um menino. Eu não queria ser menino*”. É um sujeito que tenta contrariar a força da norma, mas se vê impotente diante dela: “*Queria parar de ser um menino, às vezes. Até tentei, mas, eu já era um menino, muito menino mesmo*”. Por fim, a anulação do desejo de ser, singularmente, em detrimento de um modelo universalizante e letárgico de ser é arrebatada pela entrega voluntária ao frenesi dos corpos que se reconhecem, se buscam e reverberam desejos para além das rotulações de gênero: “Espelhos. Peças de lego. Fechei os olhos e me empinando arraias no céu azul de nuvens sedentas” (Mercês, 2022, p. 30). Trememos todos diante da rebentação dos padrões e da inundação dos corpos, em gozo e liberdade.

#### 4 COLHEITAS E REPLANTIOS

Costurando os rasgos da terra nas sementes lançadas e partilhadas pelos sopros de ventania e correntezas que umedecem e fertilizam a semeadura de Planta oração, recorremos às tessituras feitas por Evando Nascimento (2012) em torno da literatura pensante de Clarice Lispector para, com elas, recuperarmos as vozes e movimentos de corporeidades insurgentes que produzem epistemes e literaturas outras, brotadas do profundo da terra, dos territórios invisibilizados, dos terreiros e quintais. Essas produções literárias e epistêmicas misturam os ruídos, cheiros, texturas, silêncios e

gostos, recorrendo à fabulação e às aberturas germinantes da linguagem para produzir mundos possíveis, onde os saberes encarnados, localizados, possam produzir políticas poéticas que escrevam e inscrevam as corporeidades dissidentes.

Histórias sem narrativa linear possível, em que toda diegese tradicional se encontra fora de operação; o maquinário ficcional arma suas peças por meio de fragmentos de textos, pedaços, corpos sem membros, órgãos sem corpo próprio, todos índices de uma literatura pensante não mais inserida no painel das grandes literaturas. Seus signos são gregotins, no sentido do Houaiss, garatujas, rabiscos, promovendo rasuras dos “adornos, enfeites, atavios”. Essa literatura é necessariamente estranha, pois trabalha desde dentro, virando ao avesso a grande língua da literatura ocidental, as Belas-Letras (Nascimento, 2012, local 591-595).

Por cruzamentos, circularidades, confluências de vozes e vivências, *Planta oração* mobiliza lapsos de memória e construções elípticas, fragmentos de existir em poesia, apesar das violências e anulações, recuperando ainda símbolos, palavras e imaginários que não compõem os catálogos históricos e literários hegemônicos. É o corpo racializado, de mulher periférica, fortalecido na espiritualidade e potência coletiva que produz saberes situados não conceituais, mas brotados na umidade das palavras impregnadas de terra e labuta, na força e festa de resistir.

Portanto, em *Planta oração*, Calila das Mercês (2022) mexe com as palavras e seus sentidos, com o mesmo cuidado e entrega e curativa das avós que colhem e maceram as ervas para um ritual curativo e de limpeza, mas sem esconder o potencial venenoso que elas podem guardar, quando não manipuladas com a astúcia e entrega necessárias. São palavras-semente que germinam no sopro da oração, quebram os nós das normas e abrem caminhos para que se possa ser o outro, cujo corpo sente, pensa, fala, denuncia, cria e não apenas sucumbe à objetificação, à desumanização.

Assim, considerando que “[...] nenhum texto é em si pensante. Porque só existe pensamento via literatura na relação tensa e decisiva entre autor, texto e leitor. Esse é o tripé essencial sem o qual não existe nem mesmo literatura simplesmente” (Nascimento, 2016, p. 14), entendemos que é também pela alteridade que a escrita literária marcada de terra, de Calila das Mercês (2022), transitando entre fronteiras, rompe com os padrões hegemônicos que apagam e silenciam as diferenças e produz, como planta frutífera e permanente, outros modos de ver, sentir, pensar e escrever o mundo.

## REFERÊNCIAS

A VALORIZAÇÃO das sementes crioulas fortalece a resistência e soberania dos povos. IRPAA, Juazeiro, 3 mar. 2021. Disponível em: <https://irpaa.org/2021/03/03/a-valorizacao-das-sementes-crioulas-fort>. Acesso em: 10 jul. 2025.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARVALHO NETO, José Pedro de. ...*Da escrita no feminino de Derrida: corpos/corpus, sexos, vozes* em tradução. 2025. Tese (Doutorado em Letras: Linguagens e Representações) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2025.

CIXOUS, Hélène. *O riso da Medusa*. Tradução de Natália Guerellus e Raísa França Bastos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

DERRIDA, Jacques. A lei do gênero. *Revista Tempo, Espaço, Linguagem*, Irati, v. 10, n. 2, p. 250-281, jun. 2019b. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tel/article/view/13793/209209213291>. Acesso em: 4 jul. 2025.

DERRIDA, Jacques. “Coreografias”: entrevista com Jacques Derrida. [Entrevista cedida a] Christie V. McDonald. Tradução de Carla Rodrigues e Tatiana Grenha. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 1-12, 2019a. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/1806-95842019v27n150638/38954>. Acesso em: 29 jul. 2025.

DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Belo horizonte: Editora UFMG, 2014.

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrivência: a escrita de nós*. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.

EVARISTO, Conceição. “Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de Nascimento de minha escrita”. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.) *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007. p. 16-21.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 4 jul. 2025.

MARTINS, Leda Maria. *Performance do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MERCÊS, Calila das. *Planta oração*. São Paulo: Editora Nós, 2022.

NASCIMENTO, Evando. Literatura no século XXI: expansões, heteronomias, desdobramentos. *Revista ABRALIC*, v. 18, n. 28, 2016. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/388/380>. Acesso em: 22 jul. 2025.

NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a literatura: “notas” de literatura e filosofia nos textos da desconstrução*. 3. ed. São Paulo: É Realizações, 2015.

NASCIMENTO, Evando. *Clarice Lispector: uma literatura pensante*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. *E-book*.

NASCIMENTO, Tatiana. *Cuítlombismo literário: poesia negra LGBTQI desorbitando o paradigma da dor*. São Paulo: N-1, 2019.